

CORREIO DO MINHO Braga
ALGARVE MAGAZINE Portimão
DEFESA DE ESPINHO Espinho
Lavoura Portuguesa Lisboa
MAGNIFICAT Porto
O SESIMBRENSE Sesimbra
ALTO TÂMEGA Chaves

10. DEZ. 1981

201 Pólo Universitário de Guimarães uma Universidade para os Transmontanos?...

Em 1973 foi criada pelo Prof. Veiga Simão a Universidade do Minho que deveria ter a sua implantação no Campo Universitário das Taipas.

Por influências políticas e quase em surdina, apareceu, contudo instalada no Largo do Paço, em Braga, contrariando o espírito do despacho que ditou a sua criação.

Oito anos depois a Universidade do Minho tem 1.500 alunos distribuídos pelos dois núcleos de Braga e Guimarães, numa proporção escandalosa: Braga tem 1.450 e Guimarães apenas 45. Porquê?

Essa história que os portugueses não conseguem entender, tem sido contestada pelo nosso colaborador em Guimarães Dr. Barroso da Fonte que desde que se radicou em Guimarães nunca deixou de protestar contra os erros políticos que se cometeram.

Essa luta mereceu-lhe um processo judicial, se bem que a razão que lhe assiste e que o país inteiro hoje lhe reconhece, tenha virado o «FEITIÇO CONTRA O FEITI-CEIRO», isto é, quem lhe moveu o processo Lloyd Braga, tem nesta altura dois processos movidos pela judiciária.

O certo é que o Pólo de Guimarães pelas suas ligações com Trás-os-Montes deve considerar-se agora e no futuro, o ponto de apoio aos jovens Transmontanos.

Independente daquilo que possam em edições futuras vir a escrever sobre este polémico assunto, entendemos da maior justiça transcrever a intervenção que o deputado vimaranense Lemos Damião, proferiu na Assembleia da República em 27 de Novembro.

**Senhor Presidente
Senhores Deputados:**

A Imprensa Regional e nacional tem relatado com uma certa frequência e regularidade a situação anómala em que vive a Universidade do Minho no

meadamente no que respeita à inicialmente pretendida articulação entre os dois pólos, articulação essa, que, no momento, pura e simplesmente não existe.

E bem certo que o que parecia correcto, lógico e se desejava à partida, se transformou numa profunda desilusão e se o raír de esperança que parecia ser a Universidade do Minho hoje não é mais que uma enorme penumbra mesmo no espírito dos mais optimistas.

Pode facilmente constatar-se que, o pólo de Guimarães existe de direito mas não de facto.

E se não vejamos:

— A parte administrativa é inexistente. A secretaria composta de mais de uma dezena de funcionários não é sequer capaz de informar quantos alunos e professores tem o pólo de Guimarães.

— A anarquia reinante em todos os sectores internos pode constatar-se através de sucessivos inquéritos e processos disciplinares ali decorrentes.

— A admissão de pessoal feita em moldes nada claros, dá a ideia de se pretender fazer da Universidade uma Associação «tipo familiar» em vez de se ter a preocupação de dignificar quem vai ser admitido.

— A indefinição do pólo de Guimarães, a forma obsoleta como é tratado e o desinteresse manifestado por alguns responsáveis é reconhecido por alunos e certos professores.

— O reconhecimento dum célebre «documento interno» que se tornou do domínio público e que denuncia a concentração de tudo e de todos no núcleo de Braga, onde tudo se encrava e nada se resolve, comprova-o claramente.

— O repetido ditame do pólo de Guimarães constituir uma espécie de colónia de férias, por onde os professores e alunos se passeiam, na já célebre «carrinha das digressões universitárias», quer dizer alguma coisa.

— O prestígio em que caiu a Comissão Instaladora que fora presidida pelo ex-reitor Prof. Lloyd Braga é confrangedor.

Como se tudo isto não chegasse, poderíamos e deveríamos meditar na série sistemática e periódica de denúncias públicas proferidas pelo jornalista Dr. Barroso da Fonte.

Até certa altura, alguns viam nelas má vontade ou até perseguição que fugia aos leitores que desconheciam o processo.

Como consequência, ao popular e

credenciado jornalista, foi-lhe movido um processo, por abuso de liberdade de imprensa, instaurado em 1978, cujo julgamento foi marcado para o passado dia 23 de Março.

Aconteceu porém que, pelo que Barroso da Fonte escreveu, a Polícia Judiciária moveu a Lloyd Braga um outro processo «por indícios de Peculato e outras graves irregularidades», que se encontra no JIC, no Tribunal de Braga, em segredo de justiça e com o n.º 369.

Porém, o julgamento de Barroso da Fonte ficou suspenso a pedido do seu advogado até ser julgado o ex-Ministro da Educação.

E perante tudo isto que existe, mergulhada em pecaminosos actos obscuros, uma Universidade que devendo ser uma «escola de virtudes» parece sensibilizar as pessoas, para os fósseis buracos da degradação, de calúnia, do insulto e da intriga, que ao institucionalizar-se substitui os altos valores morais, éticos e sociais afastando-se por completo dos fins para que foi criada.

Volvidos cerca de oito anos, após a sua criação, seria natural que os vimaranenses que tanta esperança depositaram nos frutos que dela adviriam, se sentissem hoje, orgulhosos do seu burgo existir tamanha riqueza social e cultural.

Porém, a realidade é bem diferente e o que é mais curioso é que por mais que nos interroguemos não encontramos resposta.

Só quem não conhece Guimarães e as suas gentes é que poderá aceitar que o alheamento existente entre a Universidade e as suas populações seja possível.

Meses atrás, tentámos confirmar as nossas dúvidas através dum pequeno inquérito e os resultados não só se confirmaram como nos deixaram perplexos e atónitos.

Não encontramos nas pessoas contactadas uma só, reparem bem, Senhores Deputados, uma só que saiba qual os cursos ministrados no pólo de Guimarães da Universidade do Minho e contactámos pessoas de vários extractos sociais entre os quais alguns professores que leccionam na cidade. Isto é espantoso!...

Não satisfeitos, dirigimo-nos à Secretaria da Universidade do Minho para indagarmos, do que se passava. Ai, foi-nos informado que, nos últimos dois anos, procuraram fazer a sua divulgação, fazendo inclusivamente um «Dia Aberto» para que as populações pudessem saber o que se faz e porque

se faz, com os seguintes resultados:

Em 1980 visitaram as instalações da Universidade do Minho, neste «Dia Aberto», um casal de velhos.

Neste ano nem sequer uma única alma apareceu.

Que se passa, afinal?

A resposta seria difícil e poderá ser simples.

O Presidente do Conselho Científico, Prof. Machado dos Santos, afirma em 2 de Abril passado, ao *Jornal de Notícias*, que o pólo de Guimarães parece estar seriamente comprometido, pelo menos em termos de parte integrante da Universidade do Minho e que no futuro tenderá para outra Universidade.

Por outro lado, os vimaranenses continuam a ver passar a famosa carrinha das «excursões universitárias» a fazer o percurso entre os dois pólos transportando por vezes meia dúzia de professores e alunos, quando não transporta apenas o motorista e o correio que vai levar a «despacho» ao Largo do Paço, onde se encontra a super concentrada máquina burocrática que tudo dificulta e nada facilita, como diz o Prof. Barreiros Martins, responsável-mor pelo pólo de Guimarães.

Não quererão estes factos significar que finalmente é reconhecido o fracasso da situação actual?

Cremos bem que sim, Senhores Deputados.

**Senhor Presidente
Senhores Deputados:**

Penso ter demonstrado que o pólo de Guimarães da Universidade do Minho, decorridos mais de oito (8) anos, não responde aos anseios dos alunos, professores e populações.

Porque os alunos:

— Não têm as regalias sociais a que têm direito como: a falta de cantina, residência universitária, transportes com horários compatíveis, uma biblioteca, um laboratório devidamente apetrechado, um corpo docente estabilizado, etc., etc., como muito bem denuncia a Associação Académica da Universidade do Minho.

Porque os professores:

— Foram transformados em autênticos saltimbancos ao serem forçados a fazer ocupação de tempos livres que deviam aproveitar na sua valorização profissional.

Porque as populações:

— Sentem que sendo a Universidade do Minho um corpo só, embora dividido por dois pólos, Braga tem cerca de 1.400 alunos e Guimarães tem, apenas, neste momento, 45.

— Sentem que os dinheiros públicos se esfumam sem a respectiva contrapartida pois o minúsculo pólo de Guimarães gasta, com esses alunos, cerca de 700 contos, com os precários serviços de apoio cerca de 6.000 contos e com a carrinha dos passeios 800 contos/ano.

— Sentem que o seu pólo está permanentemente ameaçado e que a redução da frequência a isso parece conduzir.

— Sentem, sabem e exigem que a Universidade deve estar, ao serviço do País e não este ao serviço da Universidade.

— Sentem que uma Universidade que não tem Reitor há dois anos e com uma comissão instaladora há oito não passará da fase das indefinições.

Falar de Guimarães, do seu conceito e das suas gentes, não é tarefa fácil, tão rico é o manancial das suas potencialidades.

É o respeito que nos merece este povo laborioso e trabalhador que me leva a levantar a minha voz, neste hemicycle, para recordar que um dos mais produtivos concelhos deste País, com cerca de 160 mil habitantes, localizado em ponto estratégico impar que me leva a recomendar ao Governo e sugerir ao Senhor Ministro da Educação e das Universidades que reflitam sobre o seu pólo universitário.

Não será aconselhável transformar em Faculdade de Engenharia o pólo de Guimarães da Universidade do Minho, com autonomia própria, para que se justifiquem umas instalações como as que a Câmara e os Municípios arranjaram no imponente Palácio de Vila Flor, a expensas suas? Para se aproveitarem os serviços de 21 (vinte e um) elementos não docentes que nela trabalham?

Para se servir toda a zona industrial localizada nos concelhos limítrofes de Famalicão, Felgueiras, Fafe e Póvoa de Lanhoso?

Para que, finalmente dum vez por todas, se clarifique, custe o que custar, com todo o realismo que o problema encerra, a solução dum problema real que afecta a região e o bolso de todos os portugueses?

Independente da solução encontrada que não se infira na nossa intervenção, que queremos criar embaraços às relações entre ambas as cidades.

Porém, opinamos que sem que se tire o que quer que seja a Braga, bem pelo contrário, entendemos que o seu pólo deverá ser dimensionado, dotado de instalações condignas, de modo a de instalações condignas, de modo a que também a sua cidade e as suas gentes se sintam orgulhosas da sua Universidade.

Mas, dando a Guimarães o que ela merece e a que tem direito, ganhará o Minho e, sobretudo, os Portugueses.